

SIC Nº 18/2015

Belo Horizonte, 29 de junho de 2015.

**MEDICINA. SISTEMA DE ACREDITAÇÃO DE ESCOLAS MÉDICAS-SAEME. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA-CFM. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO MÉDICO-ABEM.**

Toda vez que um órgão de representação profissional tenta avaliar a formação do profissional, tarefa que cabe ao MEC, a pergunta é: - Quem leciona nesse curso?

Médicos lecionam nos cursos de Medicina. Se o Conselho Federal de Medicina-CFM cuidasse de avaliar o exercício profissional, não melhoraria, em boa parte, o ensino nos cursos de Medicina?

As críticas são políticas, e conhecidas: o CFM considera o SINAES falho; o número de médicos formados é suficiente para atender toda a população brasileira; as entidades médicas não foram ouvidas quando da decisão do Governo sobre a criação do Programa Mais Médicos.

Alguém tem notícia de que o CFM avalia exercício profissional – sua função precípua? Que notícias se tem de que profissionais acusados de erro, falta de ética, descumprimento de obrigações contratuais tenham sido penalizados pelo CFM?

O MEC deveria propor um sistema de avaliação de exercício profissional dos médicos com registro nos Conselhos Regionais de Medicina-CRM. Assim ficaria tudo certo - um faz o trabalho do outro: MEC avalia exercício profissional e CFM avalia ensino.

As intenções são sempre as melhores do mundo:

*“O objetivo das entidades médicas é fazer com que o novo sistema seja reconhecido como parâmetro pela sociedade para atestar a qualidade dos cursos.”*

*“O Sinaes não tem continuidade e faz avaliações superficiais, sem incorporar as sugestões feitas pelas entidades médicas.”*

*“Quando Fernando Haddad era ministro da Educação...Foram fechadas 1.000 vagas, mas todas reabertas pouco depois por decisão judicial.” (grifo nosso)*

*“A nossa intenção é oferecer uma possibilidade de avaliação independente e transparente para as pessoas que pretendem fazer curso de medicina no Brasil.”*

*“[O SINAES] Tem falhas. Mas se você perguntar: é um sistema ruim? Não é. Ele tem melhorado. O nosso é melhor por ter continuidade. E é transparente e independente.” (grifos nossos)*



**Curso sobre Controle e Registro Acadêmico de Instituições de Ensino Superior.**

**19, 20 e 21 de agosto - Recife/PE - 96ª Edição**

## Com críticas ao governo, CFM e Abem lançam sistema de avaliação de escolas de medicina

ANDRÉ DE SOUZA - O GLOBO - 29/06/2015 - RIO DE JANEIRO, RJ

O Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Brasileira de Educação Médica (Abem) lançaram nesta segunda-feira o novo Sistema de Acreditação de Escolas Médicas (Saeme), com o objetivo de avaliar a qualidade das escolas de medicina do país. Com o Saeme, as entidades médicas não terão o poder de fechar as faculdades de medicina, tarefa que cabe ao Ministério da Educação (MEC). O MEC tem seu próprio sistema, o Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), que é considerado falho pelo CFM e pela Abem. O objetivo das entidades médicas é fazer com que o novo sistema seja reconhecido como parâmetro pela sociedade para atestar a qualidade dos cursos.

Segundo o CFM e a Abem, o Sinaes não tem continuidade e faz avaliações superficiais, sem incorporar as sugestões feitas pelas entidades médicas.

— Ela (a avaliação das entidades médicas) não tem poder legal. A única vez que isso aconteceu (fechamento de vagas) foi quando Fernando Haddad era ministro da Educação (hoje prefeito de São Paulo). Foram fechadas 1.000 vagas, mas todas reabertas pouco depois por decisão judicial. A gente brinca que é mais fácil mudar cemitério de lugar que fechar escola de medicina — explicou o presidente da Associação Brasileira de Educação Médica (Abem), Sigisfredo Luis Brenelli.

— A nossa intenção é oferecer uma possibilidade de avaliação independente e transparente para as pessoas que pretendem fazer curso de medicina no Brasil. Nosso sistema levará em consideração experiências internacionais, como no Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, com adequações à nossa realidade, e com coordenação do professor Milton Arruda (da Universidade de São Paulo-USP) — afirmou o presidente do CFM, Carlos Vital.

Segundo as entidades médicas, o Brasil tem hoje 252 escolas médicas, com cerca de 22.728 vagas para novos alunos todos os anos. Além disso, 95% se formam, o que dá mais de 20 mil médicos no mercado anualmente. Segundo as entidades, estudo da USP indica que os médicos costumam trabalhar por 43 anos. Assim, esses números, de acordo com o CFM e a Abem, são suficientes para dar conta da demanda brasileira. O problema, em sua avaliação, não é a quantidade de estudantes ou profissionais, mas a qualidade de sua formação.

De acordo com o CFM e a Abem, o governo tomou decisões de forma apressada e sem ampla discussão, deixando de ouvir as entidades médicas, como por exemplo no programa Mais Médicos. O programa trouxe milhares de médicos ao Brasil, a maioria cubanos, sem precisarem passar pelo Revalida, o teste de revalidação do diploma e sem algumas garantias trabalhistas. Por esses e outros motivos, as entidades médicas estiveram entre os maiores opositores do programa. O Mais Médicos também tem entre seus objetivos aumentar a oferta de cursos de medicina no país.

Apesar das críticas ao Sinaes, Brenelli não o taxou de ruim.

— Tem falhas. Mas se você perguntar: é um sistema ruim? Não é. Ele tem melhorado. O nosso é melhor por ter continuidade. E é transparente e independente

O Saeme será implantando ao longo de três anos. Neste primeiro ano, serão avaliadas, em projeto piloto, 20 escolas, sendo dez públicas e dez privadas. Elas serão distribuídas por todas as regiões do país: seis do Sudeste, quatro do Nordeste, quatro do Sul, três do Norte e três do Centro-Oeste. As visitas às faculdades serão feitas em novembro e dezembro. O grupo de avaliadores será composto por dois médicos e outro profissional da saúde, todos com especialização em educação, além de estudantes que atuarão como observadores. Os resultados serão divulgados no primeiro trimestre de 2016. Em abril do ano que vem, outra etapa de avaliação terá início.

Serão avaliados cinco pontos: gestão educacional, programa educacional, infraestrutura, corpo docente e corpo discente. A partir disso, os cursos poderão receber três conceitos: insuficiente, suficiente e excelente. O processo será independente do governo. O Saeme ainda será colocado em consulta pública nos próximos 30 dias antes de ser implantado.

Oito escolas já passaram por uma avaliação, enquanto o novo sistema ainda era avaliado. Algumas delas foram qualificadas

como `suficientes com restrições`. Os 20 cursos que passarão por avaliação agora deverão ser selecionadas ainda esta semana.

Ao final dos três anos de implantação do sistema, que hoje é voluntário, será avaliado se passará a ser obrigatória para os cursos de medicina. As entidades médicas têm a esperança de que o sistema se torne oficial, isto é, seja chancelado pelo governo como forma de avaliar as escolas médicas.

### **ACREDITAÇÃO DE ESCOLAS MÉDICAS: CFM e Abem lançam novo sistema de avaliação de cursos no País**

([http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=25596:2015-06-29-15-14-53&catid=3](http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25596:2015-06-29-15-14-53&catid=3))

Seg, 29 de Junho de 2015 10:43

*O Saeme, que estará plenamente implantado em três anos, tem a meta de contribuir com o aperfeiçoamento do ensino médico no Brasil, apontando estabelecimentos de ensino atentos à qualidade necessária para a formação dos profissionais e estimulando o aperfeiçoamento da estrutura daquelas que ainda não têm o escopo esperado.*

Escolas médicas de todo o Brasil poderão aderir a um modelo implementado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e pela Associação Brasileira de Educação Médica (Abem) que ajudará a identificar cursos de Medicina (públicos e privados) que estão atentos às exigências mínimas para a formação dos futuros profissionais. O Sistema de Acreditação de Escolas Médicas (Saeme) deverá atingir, no primeiro ano, 20 instituições de ensino do País. Elas são voluntárias, provenientes de diferentes regiões e com tipos distintos de estatutos jurídicos, tempo de existência e métodos de ensino.

Nesta primeira etapa, que começa em outubro, dez cursos serão públicos e dez cursos privados. A seleção das escolas será proporcional à distribuição regional, sendo seis do Sudeste, quatro do Nordeste, quatro do Sul, três do Centro-Oeste e outros três do Norte. As primeiras visitas devem ocorrer entre novembro e dezembro, com expectativa de divulgação até o primeiro trimestre de 2016. Nos anos seguintes, será iniciado o processo de acreditação propriamente dito.

“Os números atuais apontam a existência de 252 cursos de medicina, que, por ano, oferecem vagas para 22.778 novos estudantes. Há ainda outros a serem autorizados pelo governo sem a observação de parâmetros essenciais para o seu funcionamento. Não tenho dúvidas de que algo consistente precisa ser feito para a sociedade não ficar à mercê de políticas de interesses menores e de influências empresariais. O Saeme será um processo de adesão e estou convicto de que o CFM possui crédito social e a Abem possui capilaridade para exercerem e qualificarem o trabalho”, frisou o presidente do CFM, Carlos Vital.

A iniciativa, que nasceu no âmbito da Comissão Independente de Avaliação de Escolas Médicas, coordenada pelo 1º vice-presidente do CFM, Mauro Luiz de Britto Ribeiro, começa a ser aplicado ainda em 2015. A meta é que esteja plenamente implantado em três anos. A assinatura do convênio para o início das atividades aconteceu no dia 19 de junho, durante sessão Plenária do CFM, em Brasília (DF).

Para os envolvidos, o Saeme nasce como um instrumento que promove maior participação da comunidade científica e da sociedade para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a qualidade dos cursos de medicina no Brasil. “O Saeme era um sonho da comunidade acadêmica. Eu estou muito feliz com essa iniciativa, não só enquanto médico, professor e presidente da Abem, mas como cidadão”, declarou o presidente da Associação Brasileira de Educação Médica (Abem), Sigisfredo Luis Brenelli.

Os professores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Milton de Arruda Martins e Patricia Zen Tempski, explicaram que a ideia o Saeme seja totalmente independente dos governos federal, estadual ou municipal. “A avaliação externa dos cursos de medicina é um componente fundamental para aferir qualidade e desenvolver excelência na oferta de ensino. O modelo de avaliação exclusivamente estatal do Brasil é uma exceção no mundo desenvolvido”, destacou Arruda, que é coordenador técnico da proposta.

Apenas cursos que atendem requisitos serão acreditados - “Um curso de medicina será acreditado pelo CFM e Abem, por meio do Saeme, quando demonstrar que possui os requisitos necessários para a formação de médicos de acordo com o estabelecido por essas entidades”, explica Milton de Arruda Martins, professor titular de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e coordenador do grupo técnico responsável pelo Sistema.

Dentro da proposta recém-lançada, a acreditação é o reconhecimento formal da qualidade de serviços oferecidos por uma instituição, baseado em avaliação padronizada por um organismo independente, comprovando que o curso atende a requisitos previamente definidos e que tem competência para realizar seu papel de modo eficaz e seguro. O entendimento foi consolidado após análises de modelos similares e de um vasto escopo de referências técnicas e teóricas.

O Saeme é baseado em trabalho desenvolvido por um grupo de pesquisa, coordenado pelos professores Patricia Tempski e Milton de Arruda Martins, que elaborou um instrumento e um roteiro para avaliar os cursos de medicina no Brasil. Na prática, serão observados aspectos dentro de cada instituição de ensino, como seu contexto e política institucional, projeto pedagógico, programa educacional, corpo docente e discente e infraestrutura.

Na fase de testes, esse modelo já foi aplicado em oito cursos de medicina, sendo que os resultados validaram as possibilidades positivas de sua aplicação no País. “É um processo de avaliação que utiliza os conceitos de suficiência e insuficiência, não sendo classificatório. Nosso projeto permite ainda identificação de áreas ou aspectos de excelência educacional e de áreas que necessitem de aprimoramento”, enfatiza Milton Arruda.

A proposta compreende uma etapa de preenchimento on-line de questionário, seguida de análise destes dados e visita ao curso de medicina. Confira abaixo o passo a passo:

<b>As etapas do processo de acreditação do Saeme</b>
<b>Plataforma on-line:</b> O preenchimento do instrumento é realizado on-line, em plataforma eletrônica com a participação do corpo
<b>Itens analisados:</b> O instrumento traz cinco dimensões: gestão educacional, programa educacional, corpo docente, corpo discente e infraestrutura. Estas dimensões se apresentam em indicadores aos quais se responde com os conceitos de suficiente ou insuficiente
<b>Manual para preenchimento:</b> O processo de avaliação é tão importante quanto o instrumento proposto, por isso foi elaborado um roteiro de aplicação para ele. O roteiro traz orientações para a implementação do processo de autoavaliação, para a visita externa e sobre a elaboração da devolutiva
<b>Visita:</b> Após finalização das respostas, o comitê técnico examina o material e elege três avaliadores para visita de três dias à escola médica. Na visita, o grupo emite seu parecer que é validado pelo comitê técnico. Em conjunto, elaboram a devolutiva
<b>Análise:</b> A análise é realizada primeiramente por três avaliadores e depois por um comitê técnico, que garantem a devolutiva
<b>Resultado:</b> Ao final do processo, a comissão de avaliação faz uma devolutiva da visita local, e posteriormente a instituição de ensino recebe a devolutiva final com a decisão final do seu processo de acreditação.

Experiências internacionais nortearam proposta lançada - Para a criação do Sistema que tem o aval do CFM e da Abem, foram estudados seis processos internacionais de avaliação do ensino médico: o Liaison Committee on Medical Education (LCME), que é utilizado no Canadá e nos Estados Unidos; o General Medical Council (GMC), em funcionamento na Grã-Bretanha; o Australian Medical Council (AMC); o ARCU-SUL, que faz a acreditação de cursos universitários do Mercosul; o Neederlands-Vlaamse Accreditation Organization (NVAO), em atividade na Holanda; e o Institution for Academic Degrees and University Evaluation (NIAD), reconhecido no Japão.

Todos eles foram comparados entre si e com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), adotado atualmente pelo Ministério da Educação brasileiro como processo vigente para mensuração dos diferentes aspectos relacionados à formação superior. Inclusive, suas conclusões servem de subsídio para o ato de abertura, o reconhecimento e a renovação de reconhecimento das escolas médicas no Brasil.

O estudo desenvolvido pelo grupo de trabalho apontou alguns pontos fracos do Sinaes. Essas fragilidades serviram de parâmetro para a elaboração da proposta que está sendo lançada e colocada em prática pelo CFM e pela Abem. “Nosso entendimento é que o processo atual de avaliação das escolas médicas no Brasil tem sido mais impositivo do que democrático, e mais regulatório do que emancipatório”, anotaram os pesquisadores Milton de Arruda Martins e Patricia Tempski, coordenadores do estudo que originou o Saeme.

Além da crítica do modelo em vigor no País e da verificação criteriosa de seis sistemas internacionais, o grupo ainda buscou fundamentação nas diretrizes de acreditação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da World Federation for Medical Education (WFME), 2004) para concluir seu trabalho.

Entre os pontos em destaque, que foram colocados em perspectiva pelo Saeme, está a conclusão de que as três dimensões da avaliação externa consideradas pelo Sinaes (instalações, corpo docente e didático-pedagógico) não apreciam toda a realidade institucional dos estabelecimentos de ensino médico. Isso permite negligenciar pontos como a adequação dos cursos às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN); à avaliação do aluno e do processo de aprendizagem; e ao contexto de gestão institucional.

Todas essas conclusões estão presentes no relatório “Análise de processos de avaliação e acreditação de escolas médicas no Brasil e no mundo”. Confira a seguir alguns outros pontos que mereceram destaque no documento:

<b>Comparação entre o Sinaes (brasileiro) e outros sistemas internacionais de avaliação</b>		
Pontos em destaque	Brasil (Sinaes)	Sistemas internacionais (LCME, GMC, AMC,
Capacitação de avaliadores	O processo de capacitação de avaliadores está aquém da necessidade, uma vez que a subjetividade na avaliação e a disparidade de opiniões entre avaliadores são frequentes.	Os processos estudados valorizam o papel do avaliador externo ao garantir capacitação e aprimoramento constante da equipe de avaliação externa e das comissões de avaliação ligadas ao órgão avaliador.
Autoavaliação	Há fragilidade na coleta de evidências que demonstrem que as respostas atribuídas pela autoavaliação estão coerentes, atualizadas e completas.	Em processos internacionais, existe obrigatoriedade na demonstração de evidências de forma a dirimir dúvidas e permitir a análise aprofundada de cada dimensão.
Preparo para a visita	A falta de acesso prévio aos dados da autoavaliação impede uma preparação mais direcionada dos avaliadores para a visita local.	A comissão de avaliação recebe os dados do curso anteriormente à visita local, o que lhe permite preparar a visita, escolhendo em quais dimensões se deter ou solicitar esclarecimentos.
Visita externa	A visita é realizada por uma dupla de avaliadores.	As diretrizes da OMS/WFME recomendam que a comissão avaliadora externa seja constituída por três a cinco membros.
Participação da comunidade científica e da sociedade ARCU-SUL, NVAO e NIAD).	Não há socialização suficiente do processo e instrumentos do Sinaes para que a comunidade científica e sociedade possam participar do processo e desenvolver uma visão crítica acerca dos resultados.	Os processos internacionais são caracterizados pela transparência e socialização dos resultados em cada fase do processo de avaliação.
Análise dos avanços	As constantes mudanças do instrumento de avaliação do curso, a inclusão de novos índices, entre outras alterações no processo, dificultam a análise dos avanços e retrocessos da IES, bem como uma comparação entre elas.	Os processos avaliativos são estáveis e mobilizam a transformação na escola médica através da análise de resultados ao longo do tempo.

Saudações,  
Profª. Abigail França Ribeiro  
Diretora Geral CONSAE  
[abigail@consae.com.br](mailto:abigail@consae.com.br)

Distribuído a Assessorados da CONSAE e CONSAEJur.  
SIC – Serviço de Informação ao Cliente.